

## O ABUSADOR NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO CONJUGAL: SEUS COMPORTAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DE ACORDO COM OBRA DE LUNDY BANCROFT<sup>1</sup>

Maria Clara Pereira de Almeida<sup>2</sup>

Thaís Cristina Pereira Ferraz<sup>3</sup>

### RESUMO:

O relacionamento abusivo é um fenômeno que sempre esteve presente no mundo. Trata-se de uma questão que atinge um número significativo de mulheres, considerado um problema de saúde pública e que fere os direitos humanos. A psicologia vem traçando um trabalho de extrema importância com as vítimas, tanto aquelas que permanecem nessas relações, como aquelas que já saíram. No entanto, sobre os estudos, é curioso observar como existe um número considerável daqueles que falam sobre o relacionamento abusivo, e sobre a vítima, mas sobre o abusador, é nítida a escassez. Com isso, é possível se deparar com as obras de Lundy Bancroft, pesquisador norte americano que dedicou a sua carreira ao trabalho com os abusadores, desenvolvendo obras que retratam todo o seu estudo e conhecimento. Porém, ocorre que nenhum dos seus trabalhos tem tradução para o português, sendo acessível para um número pequeno de pessoas no Brasil. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo abordar os 17 mitos do abusador e os tipos de homens abusivos, presentes na obra de Lundy Bancroft “Por que eles fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores”, de 2003, com o intuito de possibilitar maior conhecimento e compreensão sobre o abusador e seus comportamentos, além de realizar uma breve discussão sobre questões culturais que reforçam os comportamentos abusivos e analisar a importância da psicologia ampliar seus trabalhos com esse público, para além da psicoterapia convencional. Quanto a metodologia, será utilizado caráter exploratório bibliográfico na modalidade narrativa, com abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Relacionamentos abusivos. Abusador. Comportamentos abusivos. LundyBancroft. Psicologia.

### THE ABUSER IN CONTEXT OF A MARRIAGE RELATIONSHIP: HIS BEHAVIORS AND CHARACTERISTICS ACCORDING TO THE WORK OF LUNDY BANCROFT

### ABSTRACT:

The abusive relationship is a phenomenon that has always been present in the world. It is an issue that affects a significant number of women, considered a public health

---

<sup>1</sup>Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 30/10/2022 e aprovado, após reformulações, em 30/11/2022.

<sup>2</sup>Discente do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mclara.almeidapsico@gmail.com.

<sup>3</sup>Mestra em Ciências em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: thaisferraz@uniacademia.edu.br

problem and that violates human rights. Psychology has been doing extremely important work with victims, both those Who remain in these relationships and those who have left. However, about the studies, it is curious to observe how there is a considerable number of those Who talk about the abusive relationship, and about the victim, but about the abuser, the scarcity is clear. Therefore, it is possible to come across the works of Lundy Bancroft, a North American researcher Who dedicated his career to working with abusers, developing works that portray all his study and knowledge. However, it turns out that none of his works havem been translated into Portuguese, thus accessible to a small number of people in Brazil. In this way, this research aims to bring about the 17 myths of the abuser and the types of abusive men, present in Lundy Bancroft's work "Why Does He Do That? Inside the Minds of Angry and Controlling Men", from 2003, with the aim of providing greater knowledge and understanding about the abuser and their behaviors, in addition to holding a brief discussion on cultural issues that reinforce abusive behaviors and analyzing the importance of psychology to broaden their work with this public beyond conventional psychotherapy. As for methodology, na exploratory bibliographic character Will be used in the narrative modality, with a qualitative approach.

Keywords: Abusive relationships. Abuser. Abusive behaviors. Lundy Bancroft. Psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

O relacionamento abusivo é um fenômeno que sempre esteve presente no mundo, independente da cultura. É comum escutar relatos de pessoas que presenciaram em suas famílias relacionamentos conjugais nos quais ocorriam violência física, sexual, psicológica, entre outras formas de abuso; ou até mesmo fora do contexto familiar. E diante deste cenário, dando respaldo jurídico às mulheres vítimas de relacionamentos abusivos, em 7 de agosto de 2006, foi apresentada a lei nº 11.340, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha. Seu objetivo principal é prevenir, punir e exterminar a violência doméstica e familiar contra a mulher. Ela engloba os seguintes tipos de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006). A lei é um grande marco, principalmente para as mulheres, que lutam constantemente e incansavelmente por respeito, igualdade de gênero e por um país em que possam viver e criar meninas com menos medo.

Sendo assim, pensando neste contexto, a psicologia tem um papel fundamental, já que trata de um problema de saúde pública e uma questão que fere os direitos humanos. Ela auxilia no fenômeno como um todo, principalmente no

cuidado das mulheres, tanto daquelas que já saíram do relacionamento abusivo, quanto das que ainda permanecem. Mas em relação ao abusador, ao buscar compreender o auxílio da psicologia para este público, é extremamente curioso como existe um número muito pequeno de trabalhos, pesquisas e estudos de caso desenvolvidos no país. Logo, onde seria possível buscar estudos sobre?

Lundy Bancroft, pesquisador norte americano, dedicou sua carreira a estudar o fenômeno dos relacionamentos abusivos, trabalhando com os abusadores e vítimas. Além disso, empenhou-se também nos casos de maus-tratos infantis. É líder de oficinas, e fez parte da criação do primeiro programa para abusadores dos Estados Unidos. Também é supervisor/consultor nas áreas de violência doméstica e maus-tratos infantis (BRANCROFT, 2022; BANCROFT, 2003).

Dessa forma, suas pesquisas são de grande relevância, sendo extremamente úteis para os estudos sobre o abusador, possibilitando que sejam levados para a prática da psicologia. No entanto, ressalta-se que suas obras ainda não têm tradução para o português, o que faz com que a pesquisa preencha uma lacuna acadêmica, possibilitando apresentar o autor e sua compreensão sobre o abusador para a comunidade acadêmica científica brasileira. Além do mais, poderá auxiliar trabalhos futuros que poderão impactar diretamente o social, já que suas obras também podem atingir toda a população, permitindo assim uma maior compreensão sobre o fenômeno do relacionamento abusivo, maior entendimento sobre a situação da vítima e do abusador, e dando a oportunidade de criação de novas formas de intervenção sobre determinado tipo de relacionamento.

Logo, o objetivo principal desta pesquisa é trazer informações sobre o abusador, utilizando como base a obra “Por que eles fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores”, de Lundy Bancroft, publicada em 2003, com o intuito de compreender sobre seus comportamentos e perfis, possibilitando assim maior entendimento sobre e facilidade na identificação. Além disso, irá trazer discussões e questionamentos sobre questões culturais, bem como as possibilidades de trabalho com este público na psicologia.

Em relação a metodologia utilizada, tratando-se de metodologia exploratória bibliográfica na modalidade narrativa, com abordagem qualitativa, será utilizada a obra

de Lundy Bancroft, além de outras produções sobre o tema do relacionamento abusivo.

A pesquisa exploratória pode ser definida como um estudo preliminar que tem como intuito desenvolver e refinar hipóteses, possibilitando ao pesquisador elaborar o problema, e logo, levantar possíveis hipóteses. Ademais, dá a oportunidade para que futuros estudos compreendam quais as questões que precisam de maior atenção, analisando potenciais e áreas de resistência. Para programas de saúde que visam a mudança de comportamentos de indivíduos, a pesquisa exploratória é o primeiro passo (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Uma questão que deve ser levantada e que pode limitar de certa forma o estudo seria que Bancroft traz em suas obras o contexto do país no qual vive. Questões culturais e públicas, que atravessam cada indivíduo, são diferentes no Brasil e no Estados Unidos. Porém, acredita-se que ainda assim, sua compreensão sobre o abusador é de extrema importância e pode ajudar com os trabalhos no Brasil.

Também é importante relatar que a pesquisa foi desenvolvida em cima do relacionamento abusivo entre um homem branco e uma mulher branca. Em outros casos, como relações homossexuais e entre casais negros, são presentes características específicas que não serão levantadas. Dessa forma, na pesquisa, “ele” é referente ao abusador, e “ela” a vítima.

## **2 UM PANORAMA GERAL SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Antecedendo o estudo sobre os abusadores, é de extrema relevância compreender sobre o fenômeno no qual eles estão inseridos. Os relacionamentos abusivos apresentam particularidades, características específicas, que normalmente, e infelizmente, o senso comum não tem conhecimento. Sendo assim, tendo um maior entendimento sobre essas relações, será possível ter um olhar de maior amplitude para os comportamentos do abusador.

Comumente, nesse tipo de relação, é possível observar na sociedade a existência de uma divergência sobre o que entendem e interpretam sobre os relacionamentos abusivos, com variações relacionadas a valores que se alteram conforme a cultura. Alguns identificam o relacionamento abusivo como aquele que

tem violência física, e outros como aquele que há a privação da liberdade. E, assim como a população, a literatura segue um caminho semelhante. Não se observa as pesquisas seguindo uma definição específica de um autor. Logo, é possível encontrar diferentes definições, que curiosamente, parecem indiretamente se complementarem.

Assim, esta pesquisa irá utilizar a seguinte definição sobre relacionamentos abusivos

O relacionamento abusivo pode ser definido, linhas gerais, como uma relação na qual são praticados atos de agressão para com a vítima de modo a torná-la submissa, prevalecendo uma convivência abusiva, não somente constatada pela violência física, como também psicológica, verbal e sexual (LEÃO et al, 2017, p. 1).

E como complemento, compreenderá também a definição de Lundy Bancroft e Jac Patrissi (2011), no qual retratam que a base da relação seria o poder e o controle, além da presença de comportamentos abusivos. Logo, sobre esse poder, é possível dizer que o companheiro tira vantagem com o intuito de explorar ou controlar a companheira, causando mal a ela e criando um “*status*” privilegiado para ele (BANCROFT, 2003).

Um ponto que os estudos destacam como marcante nos relacionamentos abusivos seria a presença do “Ciclo de Espiral Ascendente de Violência” (SENADO FEDERAL, 2015), no qual se refere ao ciclo violento que a mulher vivencia constantemente dentro da relação com o abusador, que se divide em 3 momentos: a fase da tensão, a fase da exploração e a fase da lua-de-mel.

A fase da tensão é compreendida como aquela anterior ao ataque, que o abusador apresenta mudança em seu tom de voz, na forma como se comunica, na forma como se comporta, e às vezes realizando insinuações. Já a fase da exploração é onde ocorrem comportamentos desproporcionais, evoluindo muitas vezes para a violência física. E a última fase do ciclo, nomeada como lua-de-mel, é onde o abusador realiza grandes gestos, pede desculpas e realiza promessas, manipulando afetivamente a vítima (SENADO FEDERAL, 2015).

Sendo assim, mesmo com a presença desse ciclo no relacionamento abusivo, a vítima tem dificuldade de identificar que está nesse tipo de relação. Por diversas vezes os comportamentos abusivos são associados a amor, carinho, cuidado, já que

após existe o cenário mágico criado na fase de lua-de-mel. Logo, a cada vez que essas fases cíclicas ocorrem, mais fragilizada essa mulher se encontra, dificultando ainda mais a saída dessa relação (SANTOS et al, 2020).

Ademais, por mais que o relacionamento abusivo seja marcado também pela presença dos comportamentos abusivos, esses nem sempre estão presentes desde o início da relação. Lundy Bancroft (2003) nomeia o início como o “Jardim de Éden”, descrevendo que nos primeiros meses é como se a companheira estivesse flutuando nos ares, se sentindo extremamente especial, e como se fosse a única pessoa com que ele se importa. Além disso, tudo ocorre com grande intensidade. Apenas após um tempo que os abusos começam a surgir.

É importante neste momento destacar também o que esta pesquisa irá compreender em relação ao termo abusador e homem abusivo, sendo utilizados como sinônimos. Assim como a literatura não traz uma especificação única do que seria o relacionamento abusivo, o mesmo ocorre quanto a essas palavras. Com isso, este estudo entenderá que não são todos os homens nervosos e controladores que são abusivos, mas que estes são aqueles que apresentam problemas constantes com desrespeito, controle, insultos e que desvaloriza sua parceira, mesmo que estes comportamentos não estejam ligados de forma tão explícita ao abuso verbal, físico e sexual (BANCROFT, 2003).

Dessa forma, o fenômeno do relacionamento abusivo é de grande complexidade, que necessita de maiores estudos, possibilitando que o conhecimento atinja a comunidade acadêmica científica, a sociedade e o poder público, com o intuito de desenvolvimento científico, e maior conhecimento para a população, com intervenções de maior impacto no país.

### **3 LUNDY BANCROFT**

Nos estudos sobre abusadores no contexto de relacionamentos abusivos, Lundy Bancroft é referência. Residente nos Estados Unidos, dedicou a sua carreira ao trabalho com os abusadores, vítimas e casos de maus-tratos infantis (BRANCROFT, 2022).

Em entrevista dada para Steph Roberts, em seu canal no Youtube, Bancroft relata que está envolvido nesse trabalho há mais de 30 anos. Além disso, aborda que o motivo que fez com que entrasse neste meio era relacionado à sua orientação de justiça social, não uma vivência pessoal, o que muitos normalmente pensam. Assim, por volta dos 20 anos, começou a trabalhar no primeiro programa de aconselhamento dos Estados Unidos dedicado especificamente a abuso doméstico. Foi ali que começou a compreender sobre o fenômeno, estando envolvido com os abusadores e vítimas. Nos dias atuais, após inúmeras contribuições, Lundy Bancroft decidiu mudar para uma nova fase, se dedicando a escrever ficções (ROBERTS, 2022).

Ao longo de sua carreira, com a experiência adquirida, Lundy Bancroft publicou algumas obras, no qual todas apresentam uma característica em comum. É possível perceber como estão sempre voltadas a ajudar as vítimas, sendo elas companheiras e/ou famílias. Logo, por mais que tragam uma compreensão sobre o abusador, em nenhum momento tira a responsabilidade deles sobre suas atitudes e comportamentos.

Sendo assim, buscando apresentar as suas obras de forma mais didática, foi elaborado um quadro (Quadro 1) no qual são descritos: título original da obra, título da obra traduzido, os autores – já que alguns são desenvolvidos por Lundy Bancroft e colaboradores -, e ano de publicação. Espera-se que dessa maneira seja possível apresentar as publicações do autor no decorrer de sua carreira, facilitando a compreensão de seus estudos.

**Quadro 1** – Obras de Lundy Bancroft

<b>TÍTULO ORIGINAL</b>	<b>TÍTULO TRADUZIDO</b>	<b>AUTOR(ES)</b>	<b>ANO</b>
<i>Why does He do That? Inside the minds of angry and controlling men</i>	Por que eles fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores	Lundy Bancroft	2003
<i>When Dad Hurts Mom: Helping Your Children Heal the Wounds of Witnessing Abuse</i>	Quando papai machuca a mamãe: ajudando sua criança a curar as feridas de testemunhar abuso	Lundy Bancroft	2005

<i>The Batterer as Parent: Addressing the Impact of Domestic Violence on Family Dynamics</i>	O agressor como pai: abordando o impacto da violência doméstica na dinâmica familiar	Lundy Bancroft, Jay G. Silvermann e Daniel Ritchie	2011
<i>Should I stay or Should I go? A guide to knowing If your relationship can – and should – be saved</i>	Devo ficar ou devo partir? Um guia para saber se seu relacionamento pode – e deveria – ser salvo	Lundy Bancroft e Jac Patrissi	2011
<i>Daily Wisdom for Why Does He do That?: Encouragement for woman involved with angry and controlling men</i>	Sabedoria diária para Por que eles fazem isso?: encorajamento para mulheres envolvidas com homens nervosos e controladores	Lundy Bancroft	2015
<i>The Joyous Recovery: a new approach to emotional healing and wellness</i>	Uma feliz recuperação: uma nova abordagem para cura emocional e bem-estar	Lundy Bancroft	2019
<i>In Custody: A Carrie Green Novel</i>	Em custódia: a história de Carrie Green	Lundy Bancroft	2021

Fonte: dos autores.

#### **4 O ABUSADOR NO CONTEXTO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO DE ACORDO COM LUNDY BANCROFT**

O autor Lundy Bancroft dedicou a sua carreira ao trabalho com abusadores. E ao longo de tantos anos foi possível realizar estudos, pesquisas e o desenvolvimento de suas obras. Sobre suas publicações em formato de livros, uma característica que se destaca é como conseguiu traçar de forma completa e minuciosa os comportamentos e perfis dos abusadores. Logo, ao trazer essas questões, ele possibilita que a população tenha compreensão mais ampla sobre os comportamentos do abusador e facilita a identificação deles.

Esta pesquisa irá apresentar dois pontos descritos na obra de Lundy Bancroft que considera primordiais para maior entendimento sobre o abusador e seu



reconhecimento, utilizando de sua primeira obra “Por que fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores”, publicada em 2003. Além disso, é importante pontuar que suas obras são vastas e com diferentes tipos de informação, mas este estudo, em se tratando de uma produção sob o formato de artigo, tem suas limitações, não sendo possível trazer todos os aspectos presentes na obra. Sendo assim, serão apresentados os mitos sobre o abusador e os tipos de abusador (BRANCROFT, 2003).

#### 4.1 MITOS SOBRE O ABUSADOR

Diante dos relacionamentos abusivos, muitos são os mitos envolvidos, inclusive sobre o abusador. É comum observar relatos dos abusadores trazendo diferentes justificativas sobre os seus comportamentos, e as vítimas, tentando muitas vezes compreender o companheiro, retratam também diferentes fatos que levam como verdades, em diversos momentos sem nenhum fundamento.

Assim, por mais que existam diferentes mitos nesse sentido, Lundy Bancroft (2003) sinaliza que o abuso se trata de uma questão de valores, ou seja, está relacionado à forma como o abusador pensa. Logo, analisando a conclusão do autor, é possível compreender que ele se comporta de acordo com a forma como pensa.

Com este entendimento, Lundy Bancroft (2003) traz em sua obra “Por que eles fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores” os mitos relacionados ao abusador, com o intuito de ajudar a vítima a dificultar que o abusador a deixe fora de equilíbrio e confusa, tendo um entendimento sobre a relação que antes não tinha. Dessa maneira, serão apresentados os 17 mitos trazidos na obra de Bancroft (2003), possibilitando ao leitor entender e ter consciência sobre cada um deles.

**Mito 1- ele foi abusado quando criança:** De acordo com Lundy Bancroft (2003), se o abusador apresentasse traumas e problemas emocionais em detrimento de ter sido abusado quando criança, ele poderia trazer essas questões e trabalhá-las na psicoterapia. No entanto, mesmo que ele cuide das suas dificuldades emocionais, o comportamento abusivo continua, ou pode até mesmo piorar, já que usa da terapia para trazer novas desculpas e cria argumentos mais elaborados.

Ter sido abusado durante a infância não faz com que um homem se torne um agressor, porém, pode fazer com que um abusador se torne mais perigoso. Mas por que dizer que foi abusado durante a infância para justificar seus comportamentos abusivos? É extremamente atraente para eles dizer isso, já que focando no que sua mãe fez de errado (por exemplo, ter submetido ele a uma relação com um companheiro violento; ter permitido que uma violência ocorresse; ela ter o violentado, etc.), eles tem um motivo para culpar uma figura feminina pelo o que passou, e isso “explicaria” a forma como trata as mulheres (BANCROFT, 2003).

Um estudo realizado pela The National District Attorney’s Association Bulletin (1988 apud BANCROFT, 2003) sobre abuso infantil, mais especificamente abuso sexual, mostrou que mesmo que um número significativo desses abusadores diga que foi abusado sexualmente na infância, nem todos estão dizendo a verdade. A pesquisa perguntou para cada um desses homens se passaram por abuso sexual na infância, onde 67% dos participantes afirmaram que sim. Porém, ao utilizar nos participantes um detector de mentiras e realizar as mesmas questões, as respostas caíram para 29%. Logo, as variedades de abusadores apresentam determinado comportamento de forma muito semelhante.

**Mito 2- sua companheira anterior o machucou:** Lundy Bancroft (2003) traz que alguns abusadores relatam que foram machucados pela companheira anterior com o intuito de justificar seus comportamentos abusivos. Sobre isso, o autor deixa extremamente claro que, se realmente ocorreu esse cenário na relação anterior, essa experiência pode explicar como ele se sente, mas não são desculpa para como se comporta.

Além disso, os abusadores têm a característica de trabalhar como um mágico, de forma árdua, buscando que a vítima olhe para diferentes pontos e não perceba muitas vezes suas reais atitudes. Assim, quando ele traz que a companheira anterior o machucou para fundamentar seus comportamentos, é buscando a distorção (BANCROFT, 2003). É essa distorção que faz com que ela se sinta confusa.

**Mito 3- ele abusa daqueles que mais ama:** Sobre a relação entre sentimentos e comportamentos, é muito agradável para o abusador que a companheira acredite que sentimentos são causa para comportamentos. Os sentimentos podem ter

influência em como se deseja agir; atitudes e hábitos de cada indivíduo podem ser determinantes quanto a forma como se comporta (BANCROFT, 2003).

Em relação às feridas emocionais, cada ser humano responde a elas conforme a visão que se tem sobre si próprio, como pensa sobre a pessoa que feriu e sobre a forma como identifica\interpreta o mundo. Mas, no caso de pessoas que estão profundamente traumatizadas ou que apresentam alguma doença mental, essa lógica pode ser diferente, no qual os comportamentos são governados por sentimentos. Porém, quando se trata dos abusadores, são poucos os que se enquadram com doenças mentais (BANCROFT, 2003).

Além disso, vivemos em uma sociedade que acredita em uma relação entre amor e abuso (BANCROFT, 2003). Constantemente é possível se deparar com novelas, filmes e séries, principalmente de romance, que traçam relações que apresentam comportamentos abusivos como referências de amor. O abuso causa sofrimento para a vítima, leva a diversos danos, em diferentes aspectos e áreas da vida. O amor, sentimento nobre, não deveria ser levado como lei máxima para suportar situações que causam tantos prejuízos e levam a tanto sofrimento.

**Mito 4- ele segura muito o que sente:** Quando Lundy Bancroft (2003) relata que o abusador segura muito o que sente, ele quer dizer que seus sentimentos vão acumulando até o momento que não consegue mais controlar, tendo como consequência episódios de grande raiva.

Porém, grande parte dos abusadores não são reprimidos, muito pelo contrário, falam muito dos seus sentimentos, com uma idéia exagerada da importância do que sentem. E quando se sentem mal, acreditam que a vida de todos da família deve parar para consertar o seu desconforto (BANCROFT, 2003).

Sendo assim, o abusador necessita de entrar em contato com os sentimentos dos outros, como companheira e filhos. São desses sentimentos que ele tem pouco conhecimento. Logo, quando em psicoterapia o profissional busca possibilitar que o abusador compreenda seus sentimentos, muitas vezes com o intuito de uma mudança, o terapeuta está apenas possibilitando focar em seu egocentrismo, reforçando seus comportamentos abusivos (BANCROFT, 2003).

**Mito 5- ele tem uma personalidade violenta e explosiva:** Quando as pessoas são questionadas sobre como seria um abusador, normalmente se recordam do

estereótipo de um homem sem educação, grosso, e agressivo. Essa ideia causa uma confusão, já que um homem comum, com características contrárias ao que se pensa sobre a figura do abusador, tem a mesma probabilidade de abusar de mulheres (BANCROFT, 2003).

Outro ponto que deve ser destacado seria que grande parte dos abusadores são calmos e racionais em grande das suas relações, porém, isso não se aplica a sua companheira. Constantemente se apresentam como pessoas muito agradáveis, mas se comportam de forma muito distinta quando se trata da vítima. Assim, se o problema de um abusador fosse a sua personalidade agressiva/violenta, ele não conseguiria ter o controle de deixar que ela se apresentasse apenas para a parceira (BANCROFT, 2003).

**Mito 6- ele perde o controle:** Nos cenários nos quais os abusadores perdiam o controle, Lundy Bancroft (2003) os questionava sobre o que fazia com que não realizassem atos piores. A grande maioria deles sempre tinha uma justificativa, eram poucos os que diziam realmente não saber o porquê. Assim, pensando sobre, se eles têm suas justificativas, existe ali certa consciência?

Em primeiro lugar, o abusador quase nunca faz algo que considera moralmente inaceitável. E segundo, o seu problema central seria a sua distorção do senso de certo e errado (BANCROFT, 2003). Eles acreditam fielmente que suas atitudes têm fundamento e são justificáveis, com certo direito de ocorrerem.

Lundy Bancroft (2003) busca deixar muito claro que o intuito não é fazer com que as vítimas olhem para os abusadores como monstros, mas que possam reconhecer que existe em seus atos mais consciência do que normalmente se acredita. Logo, é possível pensar no abusador como alguém que trabalha dentro de um picadeiro de circo, no qual dentro daquele espaço pode fazer suas “loucuras”, mas sabe onde estão os seus limites (BANCROFT, 2003).

**Mito 7- ele é muito nervoso:** Quando se trata do nervosismo do abusador, muitas pessoas concluem que esse fator causa abuso. Porém, ao pensar dessa forma, está ocorrendo uma confusão entre causa e efeito. Eles não são abusivos porque estão nervosos, na realidade, eles ficam nervosos porque foram abusivos. Comportamentos abusivos carregam atitudes que produzem fúria (BANCROFT, 2003).

Lundy Bancroft (2003) destaca ainda que todo esse nervosismo do abusador desvia a atenção para todo o desrespeito, irresponsabilidade, mentiras, e outros comportamentos abusivos que ele emite mesmo nos momentos em que está mais calmo.

**Mito 8- ele tem uma doença mental:** Ao longo dos anos, com seu trabalho com abusadores, Lundy Bancroft (2003) relata que a grande maioria dos seus clientes eram “normais” psicologicamente. Destacava que eles apresentavam várias características que demonstravam isso, como por exemplo o pensamento lógico, e a compreensão de causa e efeito. Além disso, tinham funcionamento considerado saudável em diversos âmbitos da vida, como no trabalho. Ninguém além de sua companheira e filhos pensam que ali tem algo de errado. Logo, a grande questão trazida por Bancroft (2003) é que o sistema de valores dos abusadores não se apresenta saudável, não se tratando de algo psicológico.

Ademais, mesmo nos casos – que são mais raros – em que o abusador apresenta uma doença mental, deve-se compreender que esta não é condição que causa comportamentos abusivos. Ocorre que, antes da questão psiquiátrica, já se apresentam os comportamentos abusivos, existindo uma interação que forma uma combinação volátil (BANCROFT, 2003).

Ainda pensando nos casos que existem doenças mentais, analisando a intervenção medicamentosa, Bancroft (2003) relata que não são soluções a longo prazo por dois motivos. O primeiro seria que abusadores não gostam de serem medicados, colocando a frente, de forma egoísta, todos os efeitos causados pelo medicamento, não se importando se a utilização traz algum benefício para a parceira. Logo, normalmente após alguns meses eles param de fazer uso. Segundo, ainda não foi descoberta uma medicação que torne um abusador em um companheiro considerado apropriado.

**Mito 9- ele odeia mulheres:** De acordo com Lundy Bancroft (2003), muitos abusadores não odeiam mulheres. Na realidade eles têm relações muito próximas com várias delas, como com sua mãe, suas irmãs, ou até mesmo amigas. Um número considerável deles tem a capacidade de trabalhar muito bem com figuras femininas que apresentam autoridade sobre eles.

A grande questão seria que o desrespeito que homens abusivos apresentam em relação as suas parceiras vem dos seus valores culturais e condicionamento. Assim, muitos deles usam da desculpa pois desejam responsabilizar as mulheres por abuso dos homens. No entanto, as pesquisas mostram que homens que tem mães abusivas não tendem a desenvolver atitudes negativas em relação a mulheres, mas quando se trata de homens que tem pais abusivos, pode ocorrer, como se absorvessem os comportamentos abusivos que o pai apresenta por sua mãe e irmãs (BANCROFT, 2003).

Dessa forma, grande parte deles – de forma mais sutil ou explícita – apresenta uma visão de superioridade em relação as mulheres, e um certo desprezo. Além do mais, muitos podem apenas apresentar comportamentos abusivos apenas quando estiverem em uma relação (BANCROFT, 2003).

**Mito 10- ele tem medo de intimidade e do abandono:** Em relação ao medo de abandono, é possível perceber que existe um número considerável de pessoas na sociedade que apresentam esse sentimento, tanto homens quanto mulheres. Se todos tivessem comportamentos drásticos diante disso, o mundo viveria em um estado de guerra (BANCROFT, 2003). Ou seja, se o abandono fosse justificativa para comportamentos abusivos, grande parte da população possivelmente apresentaria determinados comportamentos. No entanto, não é a realidade que se apresenta no mundo.

Já em relação ao medo de intimidade, a teoria seria que o abuso apresenta função de distanciar a companheira, para que não fosse tão próxima emocionalmente dele; logo, a proximidade causaria o abuso. Diversos pontos desfazem essa forma de tentar justificar o abuso. Nessas relações, os piores incidentes não ocorrem após um momento de proximidade, mas sim depois de uma tensão e distanciamento. Muitos deles mantém uma distância constante que não permite intimidade, e mesmo assim o abuso permanece. Além do mais, diferentes culturas revelam relacionamentos onde não há expectativa de intimidade, no qual até mesmo o início da relação não se baseia em sentimentos, e mesmo assim, ocorrem casos de mulheres sofrendo abusos de seus parceiros (BANCROFT, 2003).

**Mito 11- ele tem baixa autoestima:** A mulher que está inserida em uma relação abusiva e que acredita que a causa para os comportamentos abusivos do

companheiro é a baixa autoestima deste tende a direcionar grande parte da sua energia para estar ali a todo momento para o parceiro e massagear o seu ego, com o intuito de cessar o abuso. Isso pode até dar a ela algum tempo, mas em algum instante o abuso irá surgir novamente. Além disso, quanto mais atenção é dada a esse abusador, mais ele demanda (BANCROFT, 2003).

É importante compreender também que esse mito é muito vantajoso para o abusador, pois faz com que, além da companheira, todos a sua volta busquem cuidar dele emocionalmente, inclusive o terapeuta. Porém, é relevante ressaltar que não se trata de seus emoções, e sim da sua mentalidade abusiva (BANCROFT, 2003).

**Mito 12- a chefe (figura feminina) abusa dele:** Sobre a chefe abusar dele no trabalho, Lundy Bancroft (2003) relata que, ao longo dos anos que trabalhou com abusadores, os piores estiveram no topo de empresas, sem chefes para culpar. Além do mais, percebia que, quanto mais poder eles tinham no emprego, maior submissão esperavam da companheira. Bancroft (2003) também relata que nunca teve contato com um caso no qual os comportamentos abusivos melhoraram dentro de casa pois obteve melhora no trabalho.

**Mito 13- ele apresenta baixas habilidades para comunicação e resolução de conflitos:** De acordo com Lundy Bancroft (2003), a falta de habilidades dos abusadores foram alvo de diversos estudos, que concluíram que eles tem habilidades consideradas normais para resolução, comunicação e assertividade, porém isso ocorre apenas quando desejam as usar. Logo, eles aplicam essas habilidades em ambientes de trabalho, em encontros da família, mas quando se trata da companheira, resolvem as situações de forma abusiva.

**Mito 14- existem muitas mulheres abusivas assim como homens abusivos:** Existem casos nos quais as mulheres tratam mal os seus parceiros, tentam os controlar, os reprimir. E não há como negar que isso afeta de forma intensa a vida desse homem. Porém, de acordo com a experiência adquirida ao longo dos anos no trabalho com abusadores, Lundy Bancroft (2003) pontua que não é comum ver homens apresentando características típicas causadas pelo abuso sofrido na relação, como baixa autoestima, perda de rendimento nos estudos ou trabalho, entre outros. Isso ocorre pois os casos em que a mulher apresenta comportamentos abusivos diante do parceiro são raros.

Ademais, Bancroft (2003) afirma que geralmente os homens abusivos desejam desempenhar o papel da vítima. O que ocorre na realidade é que por diversas vezes aqueles que afirmam sofrerem abuso na relação com a companheira são aqueles que perpetuam a violência, distantes de um papel de vítima.

**Mito 15- seus comportamentos abusivos são ruins tanto para ele quanto para a companheira:** Se tratando dos episódios que ocorrem os abusos, os companheiros costumam superar o ocorrido mais rápido que a vítima (BANCROFT, 2003). Isso acontece pois os danos de ter uma relação com um abusador são inimagináveis. E, além disso, de acordo com Lundy Bancroft (2003), os comportamentos abusivos proporcionam ao abusador diversos benefícios, como por exemplo, conseguir tudo o que deseja da parceira quanto a manipula e a controla.

**Mito 16- ele é vítima de racismo:** Sobre a justificativa de ele ser vítima de racismo, Lundy Bancroft (2003), em anos de trabalhos com abusadores, conclui que grande parte dos abusadores são brancos, com formação acadêmica, e com boas condições financeiras. O autor também pontua que, um homem que teve experiências na vida de sofrer discriminação, tem probabilidade significativa de ter maior empatia em relação ao sofrimento de uma mulher. Sendo assim, o racismo é um problema extremamente sério na sociedade, porém não deve ser usado como desculpa em relação a causa dos comportamentos abusivos.

**Mito 17- ele é dependente químico:** Em relação a desculpa de que seria abusivo devido ao vício em álcool e\ou outras drogas, Bancroft (2003) relata que muitos homens abusivos utilizam essa justificativa, no entanto, álcool ou drogas não criam um abusador, e a sobriedade não extingue os comportamentos abusivos. Além do mais, a companheira não é função diante da dependência química, ele é totalmente responsável por suas próprias ações.

#### 4.2 TIPOS DE ABUSADORES

Outro ponto que Lundy Bancroft traz é em relação a sua compreensão sobre os tipos de abusadores, sendo uma descrição de dez deles. É relevante salientar que é possível identificar um abusador em apenas um tipo ou um pouco dele dentre os



dez descritos. Assim, deve-se pensar como as várias faces de um abusador, ou seja, é plausível encontrar vários tipos em um só sujeito (BANCROFT, 2003)

O **primeiro** é nomeado como “O homem que demanda” (BANCROFT, 2003, p. 78). Seria aquele que espera que a vida da companheira seja em torno das suas necessidades, fazendo-a sentir que nada que faz é suficiente. As atitudes mais comuns são relacionadas a: acreditar que é tarefa da companheira fazer coisas para ele, até mesmo o que não é de sua responsabilidade; acreditar que a companheira não deve colocar demandas para ele e que deve agradecer por qualquer mínima coisa que faz por ela; e acreditar que está acima das críticas e que a companheira tem muita sorte em tê-lo.

O **segundo** seria “o senhor certo” (BANCROFT, 2003, p. 80). Ele se considera uma grande autoridade e está sempre correto. Suas atitudes mais comuns são ligadas a: acreditar que é muito intelectual e que é mais inteligente que a companheira; acreditar que o que a parceira diz não deve ser escutado ou deve ser levado a sério; acreditar que discordar dele significa que ela tem pensamento inferior; acreditar que se ela aceitasse que apenas ele sabe o que é certo para ambos, o relacionamento estaria melhor; sente-se maltratado quando ela discorda.

O **terceiro** tipo de abusador pode ser traduzido como “o que tortura com água” (BANCROFT, 2003, p. 83), fazendo referência ao tipo de tortura que se usava, no qual colocavam uma pessoa sentada e pingos de água ficavam caindo no centro de sua cabeça. Este seria aquele que prova que o nervosismo não causa abuso, já que normalmente fala em baixo tom, utilizando de certo sarcasmo, mais relacionado ao abuso psicológico. Atitudes análogas a este tipo são: acreditar que a companheira é louca; realizar ameaças relacionadas a convencer os outros que ela que tem a cabeça fora do lugar; acreditar que se está calmo, nada do que faz pode ser descrito como abuso; e realizar ameaças ligadas a fatos que tem consciência que a comovem ou machucam.

O **quarto** tipo seria “o sargento” (BANCROFT, 2003, p. 86). Pode ser descrito como aquele que controla todas as áreas da vida de sua companheira e manda em tudo. Suas atitudes típicas são relacionadas a: acreditar que precisa controlar tudo da vida da companheira, senão ela vai fazer tudo errado; acreditar que sabe exatamente como tudo deve ser feito; acreditar que ela não deve ter mais nada e nem ninguém na

vida além dele; fazer de tudo para evitar que ela tenha independência; e falar palavras ofensivas relacionadas a amor.

O **quinto** tipo seria “o senhor sensível” (BANCROFT, 2003, p. 88). É o oposto do sargento. Sua forma de abuso é mais sutil. Apresenta-se como uma pessoa que fala sobre os sentimentos, além de se abrir sobre suas inseguranças e medos. Porém, quando a companheira vai relatar algo, as coisas estão erradas com ela, a persuadindo. Atitudes típicas deste tipo são relacionadas a: relatar ser contra a figura do “*macho men*”, e por conta disso não é abusivo; acreditar que ninguém vai pensar como verdade o fato de maltratar a companheira; acreditar que consegue entrar na cabeça da companheira e controlá-la apenas analisando como sua mente e emoções funcionam; acreditar que nada no mundo é mais importante do que seus sentimentos; pensar que sua companheira deveria ser grata por ele não ser como outros homens.

O **sexto** é nomeado como “o jogador” (BANCROFT, 2003, p. 91). Está muito ligado a sexualidade, e gosta de fazer jogos emocionais. Atitudes comuns são ligadas a: acreditar que as mulheres vieram ao mundo para satisfazer os homens sexualmente; acreditar que mulheres que desejam sexo são muito soltas; pensar que não é culpa dele se é irresistível e se as mulheres querem o seduzir; está nas relações quando é conveniente para ele e quando deseja; acreditar que se sua companheira conhecesse suas necessidades sexuais, não seria necessário procurar por outra.

O **sétimo** é descrito como “Rambo” (BANCROFT, 2003, p. 94). Assim como no filme, é agressivo com a companheira e com os outros, como se o único jeito de estar seguro e de resolver as situações fosse sendo agressivo. Atitudes comuns de determinado tipo são: acreditar que é bom resolver as situações de forma agressiva e utilizando da força; acreditar que deve ser evitado a todo custo mostrar medo ou fragilidade; pensar que as mulheres devem servir os homens e ser protegidas por eles; acreditar que homens não devem bater em mulheres, mas que precisam fazer com que andem na linha; acreditar que a companheira pertence a ele.

O **oitavo** pode ser descrito como “a vítima” (BANCROFT, 2003, p. 96). Seria aquele no qual relata que a vida o maltratou muito, que é muito machucado e sofrido, fazendo com que a companheira acredite que pode fazer a diferença em sua vida. Suas atitudes mais comuns são relacionadas a: acreditar que todos erraram com ele, inclusive a companheira; acreditar que se a companheira relata que ele é abusivo, ela

está sendo cruel com ele, assim como o resto das pessoas em sua vida; pensar que pode fazer com ela o que estiver sentindo que ela está fazendo, ou até pior; acreditar que mulheres que reclamam de maus-tratos vindos do homem, são contra homens; e que as dificuldades que enfrentou na vida fazem com que não seja responsável por suas atitudes.

O **nono** tipo de abusador é descrito como “o terrorista” (BANCROFT, 2003, p. 99). Normalmente, é aquele que demanda muito de sua companheira e a controla muito. Porém, sua característica principal é o fato de ficar constantemente lembrando-a que pode a agredir em qualquer momento, ou até a matar. Suas atitudes mais comuns têm relação com: acreditar que a companheira não tem o direito de desafiá-lo ou o deixar, como se sua vida estivesse nas mãos dele; acreditar que as mulheres são ruins e por isso deve mantê-las aterrorizadas, como forma de controle; não aceitar de forma alguma a independência da companheira; se existem filhos na relação, pensa que eles são a melhor forma para mexer com a companheira; e sente que ver a companheira aterrorizada é satisfatório.

E o **décimo** tipo é nomeado “o doente mental ou viciado” (BANCROFT, 2003, p. 101). Mesmo que um abusador possa ter uma doença mental ou tenha um problema com vício, como álcool e drogas, não são a causa do abuso, podendo apenas potencializá-lo. Sendo assim, as atitudes mais comuns são ligadas a: acreditar que a responsabilidade dos seus atos advém de uma doença mental ou de algum vício; acreditar que a companheira está sendo má e incompreensiva ao julgar seus comportamentos abusivos; acreditar que não é abusivo, apenas tem uma doença mental ou um vício; e acreditar que a companheira o contrariar ou o desafiar vai fazer com que a sua doença mental ou vício piore.

## 5 DISCUSSÃO

O abusador pode ser descrito como misterioso, um grande mágico (BANCROFT, 2003). É realmente um desafio entender seus comportamentos, principalmente para as vítimas, que estão inseridas no contexto do relacionamento abusivo, sofrendo fisicamente, psicologicamente, moralmente, enfrentando diversos tipos de violência.

Mas, a partir do momento que as companheiras têm contato com as informações sobre os abusadores, conseguem compreender de forma mais clara seus comportamentos e pensamentos; logo, novas possibilidades podem surgir. Bancroft (2003) destaca que ter contato com o conteúdo sobre o abusador é benéfico para toda a população, mas principalmente para as mulheres, em especial aquelas que estão em relacionamentos abusivos.

Assim, as vítimas podem utilizar as informações aprendidas para conseguir perceber com maior facilidade quando estão sendo controladas e desrespeitadas pelo parceiro, identificado até mesmo formas de sair da relação e como evitá-las futuramente quando se envolverem com outros homens (BANCROFT, 2003). É possível dizer que sugere-se a ideia de que o conhecimento pode ser libertador.

É importante compreender também como o conhecimento dessas informações possibilitam a sociedade uma visão mais ampla sobre os comportamentos abusivos. E, analisando sobre, é possível pensar na probabilidade da população ter uma percepção maior da sociedade machista que está inserida.

Sobre o machismo, é possível descrevê-lo como a ideia equivocada e errônea de que o homem teria uma superioridade em relação a mulher (ARCINIEGA et al., 2008). Logo, de acordo com Arciniega et al. (2008), o machismo é expresso através de atitudes e comportamentos nos quais o sujeito não reconhece a igualdade entre os gêneros, buscando um favorecimento do sexo masculino em relação ao feminino.

Sendo assim, o pensamento machista não é algo que surgiu atualmente, ele vem da antiguidade, que desde muitos anos vem estabelecendo um sistema hierárquico de gêneros, no qual o homem sempre presenciou um destaque de superioridade, considerado o único detentor de todo o poder, ao passo que as mulheres permaneciam excluídas na relação (ARCINIEGA et al., 2008).

Logo, quando Lundy Bancroft (2003) traz que o abuso se trata de uma questão de valores, ligado a forma como o homem pensa, é possível relacionar esse fato, as informações sobre o abusador e o machismo, e concluir que o machismo funciona como reforçador para esse abuso. Se homens ainda hoje são criados de forma machista, e a cultura reforça esse machismo, é como se ela alimentasse os comportamentos abusivos.

Dessa forma, encontra-se novamente a importância de trazer informação a população sobre relacionamentos abusivos. Lundy Bancroft tem obras com diversas informações, que possibilitam conhecimento de fácil compreensão, e que podem servir como ferramenta primordial para desenvolvimento de novas pesquisas e criação de políticas públicas. Ocorre que seus trabalhos não têm tradução, sendo assim acessível para um número muito pequeno de pessoas no Brasil.

Ao observar a criação de meninas no país, é comum verificar a normalização de comportamentos como puxões de cabelo, mordidas, beliscões, tapas e a tentativa de conversar em tom mais alto. Ao ensinar as filhas desde cedo que determinados comportamentos como esses são comuns, ou que são sinônimos de amor, quando crescerem e se tornarem mulheres adultas, caso estejam em um relacionamento no qual enfrenta ações semelhantes do companheiro, não conseguirão perceber que estes são comportamentos abusivos. Logo, a reflexão permite a noção de como é extremamente necessário e urgente trazer discussões e ensinamentos para a sociedade sobre os relacionamentos abusivos.

Além do mais, realizando uma análise sobre a psicologia, determinada reflexão pode também trazer relevantes contribuições. Pensando que no país, grande parte das pessoas que exercem a profissão são mulheres (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022), se elas estão inseridas em uma cultura machista, e são criadas de forma a normalizar abusos - considerando também que se trata de uma temática pouco abordada durante a formação - ao iniciar um atendimento na psicoterapia convencional, muitas vezes esta profissional corre o risco de reforçar em mulheres a crença de que determinados comportamentos abusivos são demonstrações de amor. Ademais, é possível considerar também que pode ser um risco para a referida paciente, já que, caso ocorra um escalonamento do abuso, eles podem se intensificar e agravar de forma extremamente rápida.

Outrossim, pensando no atendimento tradicional de um abusador, como anteriormente apresentado no estudo, não é comum que este permaneça em um processo psicoterápico (BANCROFT, 2003). Sendo assim, é importante pensar sobre o que a psicologia como ciência e profissão poderia fazer para alterar determinado fato. O abusador faz parte desse fenômeno, logo, é relevante trazer questionamentos sobre como a psicologia pode atuar para além da psicoterapia tradicional.

Também é possível levantar a questão que, pela falta de conhecimento sobre os comportamentos do abusador, pode ocorrer dele iniciar um processo psicoterápico e a profissional não reconhecer inicialmente seus comportamentos abusivos, podendo até mesmo ser manipulada. E se tratando de um abusador com perfil mais agressivo, pode ser um risco para essa psicoterapeuta, já que na psicologia se trabalha sozinha em um ambiente fechado com o cliente.

Dessa forma, é necessário começar a apresentar sobre o fenômeno dentro da graduação em psicologia, apresentando além das pesquisas e estudos que se tem sobre, formas de como lidar com determinados casos, o que esperar e como proceder, trazendo a importância de estabelecer protocolos de segurança para a profissional e sua equipe.

Logo, é importante salientar que não é objetivo do estudo trazer a visão do abusador como um monstro. Caso fosse realizado um direcionamento para isso, corre-se o risco de perder a essência de um movimento social feminino que vem ocorrendo a anos, a igualdade entre gêneros, pois a identificação dos abusadores como monstros poderia ser relacionada a uma inferioridade, quando comparado ao sexo feminino.

Com isso, por mais que as obras de Bancroft tenham diversas informações relevantes, é importante destacar aqui que, ao realizar a tradução, foi necessário tomar cuidado com as palavras, buscando ser fiel de forma extrema ao que o autor trazia, mas utilizando a forma mais sensível possível de transcrição. É importante pensar que este trabalho pode chegar em algum momento à mulheres que estão ou passaram por relacionamentos abusivos, que enfrentam diversas emoções e uma confusão mental. Logo, é essencial refletir sobre maneiras de passar a informação com maior cuidado, tendo atenção para não as sensibilizar mais.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Logo, o objetivo desta pesquisa foi apresentar os comportamentos do abusador no contexto do relacionamento conjugal, de acordo com a obra de Lundy Bancroft “Por que eles fazem isso? Dentro da mente de homens nervosos e controladores”, com o intuito de possibilitar maior compreensão sobre o abusador e facilitar a identificação.

Assim, espera-se que, com o estudo desenvolvido, seja possível dar a oportunidade de maior conhecimento sobre o abusador para a sociedade, além de apresentar um novo autor para a comunidade acadêmica científica brasileira. A longo prazo, que possam ser criadas políticas públicas que assegurem a segurança da mulher e de suas famílias, dando novas possibilidades de reinserção no mercado de trabalho. Além do mais, que sejam elaboradas formas de intervenção da Psicologia para esse público, criando novas metodologias, indo além da psicoterapia convencional.

Para futuros trabalhos, recomenda-se a realização de pesquisas sobre a microviolência e relacionamentos abusivos, voltados para o impacto dessas na vida da vítima, e sobre questões culturais, aprofundando e dando ênfase no machismo como um mantenedor de relações abusivas.

## REFERÊNCIAS

A PSICOLOGIA brasileira apresentada em números: Somos um total de 433.456 psicólogas (os). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2022. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Acesso em: 26 out. 2022.

ARCINIEGA, G. Miguel et al. Toward a fuller conception of Machismo: Development of a traditional Machismo and Coballerismo Scale. *Journal of Counseling Psychology*, Washington, v. 55, n. 1, p. 19-33, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0022-0167.55.1.19>>. Acesso em: 19 set. 2022.

BANCROFT, Lundy. **Why Does He Do That?** Inside the Minds of Angry and Controlling Men. Berkley Books. New York, 2003.

BANCROFT, Lundy. **When Dad Hurts Mom:** Helping Your Children Heal the Wounds of Witnessing Abuse. Berkley Books. New York, 2005.

BANCROFT, Lundy. **Daily Wisdom for Why Does He Do That?** Encouragement for Woman Involved with Angry and Controlling Men. Berkley Books. New York, 2015.

BANCROFT, Lundy. **The Joyous Recovery:** A New Approach to Emotional Healing and Wellness. Peak Living Network. 1 ed. 2019.

BANCROFT, Lundy. **In Custody:** A Carrie Green Novel. Independently published. Traverse City, 2021.

BANCROFT, Lundy. **Lundy Bancroft**. Disponível em: < <https://lundybancroft.com/>> . Acesso em: 01 mar. 2022.

BANCROFT, Lundy; PATRISSI, Jac. **Should I Stay or Should I Go? A Guide to Knowing if Your Relationship Can – and Should – be Saved**. Berkley Books. 1 ed. New York, 2011.

BANCROFT, Lundy; SILVERMAN, Jay G.; RITCHIE, Daniel. **The Batterer as Parent: Adressing the Impact of Domestic Violence on Family Dynamics**. SAGE Publishing. 2 ed. New York, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Lei Maria da Penha). **Senado Federal**, Brasília, DF, 2006.

LEÃO, Bruna Maques et al. **Relacionamento Abusivo: O Patriarcado e suas Influências na Atualidade**. Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: < <https://www.redeicm.org.br/revista/indice-por-titulo-2017/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/ff44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ROBERTS, Steph. **Lundy Bancroft on Narcissists vs Abusers**. Online. 2022. (50m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0iYfG8x80Yw&t=310s>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SANTOS, Jayne Silva et al. **Relações abusivas: Um estudo contemporâneo sobre a violência doméstica em Nossa Senhora das Dores\Sergipe**. Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais – UNIT – Sergipe, Sergipe, v. 6, n. 2, p. 277-294, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/8829>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SENADO FEDERAL. **Lei Maria da Penha: Perguntas e Respostas**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/517191>>. Acesso em: 20 ago. 2022.